

# Capelães do contra — textos de capelães que se opunham à linha oficial em jornais de unidades militares durante a Guerra Colonial

*Chaplains out of line — texts written by chaplains that opposed government policies in soldier newspapers during the Portuguese Colonial War*

**Jair Rattner**

ICNOVA — FCSH

[jair.rattner@gmail.com](mailto:jair.rattner@gmail.com)

ORCID ID: [0000-0002-7730-2192](https://orcid.org/0000-0002-7730-2192)

**Resumo:** Durante a guerra colonial portuguesa (1961-1974), grande parte das unidades militares destacadas para as frentes de combate tinham publicações periódicas, normalmente impressas em mimeógrafos, que eram organizados sob o nome de jornais de unidade. No total, são mais de 250 títulos, dirigidos principalmente aos soldados, cuja intenção era a de criar espírito de corpo na unidade e de justificar a sua participação na guerra. No entanto, essas publicações não tinham controlo estrito dos seus conteúdos por parte da hierarquia militar, sendo o comandante de unidade o responsável pela sua edição. Normalmente, entre as várias secções dessas publicações, havia uma coluna assinada pelo capelão da unidade. Acontece que, na década de 1960, após o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica — representando a religião oficial do Estado — experienciava um questionamento interno que resultou no surgimento da Teologia da Libertação. Esse movimento ideológico teve também reflexos entre os capelães militares destacados para as frentes de combate, sendo que muitos desses religiosos assumiram posições contrárias às da linha oficial adotada pela Igreja na metrópole.

**Palavras-chave:** capelães militares; guerra colonial; história do jornalismo; jornais de unidade; teologia da libertação.

**Abstract:** *During the Portuguese Colonial War (1961-1974), most of the military units positioned in the front had soldier newspapers, normally produced by mimeograph printing. There are more than 250 soldier newspapers that aimed at creating team spirit and justifying their participation in the Colonial War. These publications did not have a strict content control by the military hierarchy, as the unit commander was the sole responsible for the edition. They had no external censorship as the newspapers and magazines published for the civilian population had. Many of these newspapers had, among other sections, one that was written by the unit chaplain. In the 60s, after the Second Vatican Council, the Catholic Church — that was the country's official religion — was experiencing an internal upheaval that resulted in the Liberation Theology. This ideological movement had its consequences among the military chaplains that were in the combat front, as some of them took stances against the official line that was followed by the Catholic Church hierarchy at the Portuguese metropolis. This chapter is about these newspaper columns.*

**Keywords:** *military chaplains; Portuguese colonial war; history of journalism; soldier newspapers; liberation theology.*

## Introdução

A literatura da área indica que os jornais militares constituem uma tradição dos exércitos ocidentais. Segundo Nelson, que usa o termo jornais de soldados (soldier newspapers) o primeiro título registrado teria surgido ainda durante a guerra de independência dos Estados Unidos, tratando-se da South Carolina Gazette, de 1782. Na França, as guerras do final do século XVIII vieram o surgimento dos primeiros jornais, France vue de l'Armée d'Italie e Le Courier de l'Armée d'Italie, de 1796, enquanto entre os alemães e os russos os primeiros registros são das guerras napoleônicas, em 1812 (Nelson, 2014, p. 2). Lutz (1952) indica a existência de jornais durante a Guerra da Secessão, nos Estados Unidos, e Berkey (2012) indica a existência de publicações para soldados na Guerra Hispano-Americana de 1898, conflito que resultou na independência das colônias espanholas de Cuba e das Filipinas.

Os principais estudos sobre os jornais voltados para soldados incidem sobre as publicações feitas durante a Primeira Guerra Mundial. Nelson indica que não foram encontradas publicações do período da Segunda Guerra Mundial. Ele apresenta a hipótese de que para haver

jornais de soldados é necessário que estes estejam estacionados numa área, o que não aconteceu durante o conflito entre 1939 e 1945, caracterizado pela mobilidade das tropas (Nelson, 2016).

Segundo Seal, que usa a nomenclatura jornais de trincheira (trench journals) o objetivo destas publicações era criar um alinhamento ideológico que justificasse a guerra que os militares estavam travando:

(...) the fundamental role of these extraordinary periodicals was a major reason for the willingness of soldiers to endure the palpable insanity to which they were consigned by forces beyond their control. The low level of refusal to obey clearly suicidal commands and the willingness to submit to, as well as to endure the unendurable remains a resonant question (Seal, 2013, p. IX).

Em Portugal — onde se usa o termo jornais de unidade — apesar de se verificar a existência de centenas de títulos publicados durante a guerra colonial (1961-1974), a bibliografia sobre o assunto é escassa. Mesmo o número real de publicações é uma incógnita. No único parágrafo que trata dos jornais de unidade do catálogo da Biblioteca do Exército — a instituição que detém a maior coleção dos mesmos —, Tengarrinha apresenta o número de 357 jornais (Tengarrinha, 2003, p. 17). No entanto, o número de títulos existentes nessa biblioteca é de apenas 242, sendo que é o principal repositório desses jornais. Muitas publicações podem encontrar-se ainda na posse de militares que combateram na guerra colonial ou dos seus descendentes.

Os jornais de unidade inseriam-se no que era considerado como a ação psicológica voltada para as tropas portuguesas. O seu papel é explicado por Barata:

(...) quanto às ações de natureza psicológica propriamente ditas, verifica-se que, no respeitante à Metrópole, a ação sobre as nossas tropas se revestiu de diversas formas que, com o tempo foram sendo aperfeiçoadas. Citam-se, como exemplo, os Jornais de Unidade, os Centros Informativos, as palestras, as reuniões para apresentação dos Boletins de Informações, os filmes, as gravações, fotografias, cartazes, dísticos, as bibliotecas, as cerimónias militares e, ainda, publicações de vária natureza (Barata, 1988, pp. 388/9).

Ele indica a existência de um roteiro a ser seguido na ação psicológica, com características a serem destacadas e maneiras de se alcançar as mesmas. Assim, seriam seis características desejáveis, com as respectivas formas de incuti-las nos soldados:

- Patriotismo: evocar a grandeza de Portugal no passado, o exemplo do presente e as perspectivas do futuro;
- Individualismo: empregar um tom pessoal;
- Sentido de humor: falar franca e simplesmente, evitar tiradas que possam ser ridicularizadas;
- Amor próprio: desenvolver o espírito de emulação e evitar dar a impressão de que se pretende

- padronizar atitudes;
- Espírito de sacrifício: realçá-lo como atributo honroso, enaltecê-lo para o aproveitar;
- Desejo de amizade e segurança: falar de pai para filho (Barata, 188, pp. 400/401).

Apesar de terem esses objetivos explícitos, esses jornais militares eram de responsabilidade exclusiva dos comandantes das unidades. Sem passar pela censura, não havia um controle antecipado do que era publicado e isso permitiu desvios da linha oficial seguida pelo regime.

### **Capelães militares**

Dentro desses objetivos, grande parte dos jornais de unidades traziam textos dos capelães militares. A colocação sistemática de capelães junto às unidades de combate da guerra colonial é algo que ocorre já a meio do conflito. Um acordo entre a conferência episcopal e o regime previa a criação do Vicariato Castrense e a implantação das capelarias militares a partir de 1967. Os capelães, indicados pelas dioceses portuguesas, teriam de fazer um curso de dois meses, após o qual saiam com o grau de alferes, sendo inseridos nas companhias ou batalhões destacados para as frentes de combate.

O primeiro curso destinado a capelães militares foi realizado na Academia Militar de Lisboa, de 21 de agosto a 17 de setembro de 1967. Incluía um total de 58 sacerdotes e teve como programa temas:

(...) militares, religiosos, sociais, físicos, psicológicos, legislação e virtudes militares, preparando-os para assistirem religiosamente os batalhões que iam para as províncias ultramarinas (Angola, Moçambique, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Timor e Cabo Verde) manter a paz, defendendo a integridade da unidade do território nacional de Portugal (Simões, 2017, p. 11).

No entanto, esse período coincide com as mudanças ocorridas na Igreja Católica após o Concílio Vaticano II. A abertura promovida no enclave realizado entre outubro de 1962 e dezembro de 1965 teve consequências tanto dentro da atuação dos sacerdotes do catolicismo na metrópole assim como entre os que foram destacados para servir como capelães militares durante a guerra colonial. Uma das consequências no âmbito político e religioso foi o surgimento da Teologia da Libertação.

Até este momento, não se encontra bibliografia com um levantamento da história da Teologia da Libertação em Portugal. No entanto, dos quatro nomes mais conhecidos entre os padres portugueses que seguem esta linha — José da Felicidade Alves, Fernando Belo, José Martins Júnior e Mário de Oliveira (conhecido como o Padre Mário da Lixa) — dois deles, os últimos citados, estiveram na guerra colonial e foi durante o conflito que tomaram

consciência de que a Igreja Católica deveria seguir um rumo voltado aos despossuídos.

Num diálogo com o político e filósofo César de Oliveira, fundador do Movimento de Esquerda Socialista, Fernando Belo — que deixou de ser padre, mas foi uma figura de destaque no movimento Cristãos para o Socialismo depois do 25 de abril de 1974 — apresentou a sua visão do papel que a Igreja Católica teve na guerra colonial. A gravação desse diálogo foi transcrita em livro:

Voltando à Igreja, o que se passou, portanto, foi que ela teve de fazer uma recuperação lenta da burguesia, ou pelo menos de parte da burguesia, que se manifestou como conseguida nos anos 50, e até nomeadamente com os célebres cursilhos de Cristandade, e, por outro lado, justamente numa época em que essas fissuras que o salazarismo ia abrindo sucessivamente, obrigaram a que a religião viesse a aproximar-se muito mais da ideologia salazarista. Aí, a guerra colonial veio evidentemente obrigar a um salto para a frente, na medida em que Fátima, os capelães militares e tudo isso vieram funcionar como um cimento ideológico que permitiu a sobrevivência do salazarismo nos últimos anos, nos anos 60 (Oliveira e Belo, 1975, p. 37).

O caso do padre Mário de Oliveira é exemplar. Num livro que publicou sobre a sua experiência na frente de combate durante a guerra colonial, relatou que, quando foi destacado, o que distinguia a sua posição era de levar a palavra de Deus a todos as pessoas, independente de que lado do conflito se encontravam. Considerava-se uma pessoa sem uma posição política a respeito da guerra. Bastou um mês na Guiné-Bissau, onde viu torturas, abusos sexuais por parte dos oficiais portugueses, massacres dos guineenses sendo comemorados pelos soldados para mudar de posição. No livro, em que transcreve o seu diário da época, conta a conclusão a que chegou em 27 de dezembro, 46 dias depois de desembarcar na África:

Estive com curiosidade a verificar os últimos boletins informativos das Forças Armadas. Encontrei-os afixados no refeitório das Praças. E lá é que pensei: afinal, quem está a ser mais terrorista na Guiné são as nossas tropas! E esta conclusão assustou-me. Em número, constavam, no período de uma semana, 62 mortos que fizemos (este plural incomoda-me! mas é a Nação) e sofremos apenas sete! As nossas tropas matam sempre mais, segundo as notícias oficiais. E destroem mais. Os bombardeios, quando saem, desfazem áreas grandes de terreno, de tabancas, de plantações. E a artilharia pesada também faz grandes estragos. (...) Parece que a Tropa só existe para destruir! Assim, quem é o verdadeiro terrorista? E uma Paz, à força de armamentos e de força, não é Paz. É terror: a Paz só existe, quando as condições de vida humana existirem (Oliveira, 1995, p. 74).

Em janeiro de 1968, ele foi retirado da capelania e dois meses depois embarcado num avião de volta para Portugal. Ele foi expulso do exército a 8 de março de 1968.

Não foi o único a ter reações negativas à forma como os militares agiram durante a

guerra colonial. Numa crônica publicada na revista *Sábado*, o escritor António Lobo Antunes relata a situação vivida pelo capelão da sua companhia durante a luta em Angola:

O capelão do meu Batalhão em África (Angola) era um pobre jesuíta que se queixava das instruções que o obrigavam a fazer apologia do colonialismo em nome de Deus, e não tenho a menor dúvida de que Jesus o cuspiu da sua boca. Porque não pede perdão por ter afastado tanta gente da Virtude com as suas atitudes, as suas homilias, até com a utilização ignóbil das pobres crianças de Fátima a quem Nossa Senhora pediu em português (que outra língua saberiam elas?) para rezarem pela conversão da Rússia comunista, elas que nem sabiam o que o comunismo queria dizer, manobradas sem vergonha pela hierarquia eclesiástica. O que terá sofrido o nosso capelão (“Tenho de fazer isto, tenho de fazer isto”, dizia ele), obrigado a louvar a guerra santa, obrigado a prometer o Paraíso aos nossos mortos, criaturas inocentes condenadas a dois anos e tal de um sofrimento injusto? (Antunes, 2017).

### **Textos de capelães nos jornais das unidades**

A maior parte dos textos de capelães seguia a linha política do Estado, defendendo a guerra e o edifício ideológico que a justificava. Exemplo disso é este trecho de um artigo de Natal na Guiné-Bissau:

Ainda há dias dizia eu em Tite que, D. Nuno Alvares Pereira era um guerreiro que sabia fazer a guerra quando lhe era necessário, mas ele amava a paz, e o nosso militar, filho daquele povo tão português, tão pacífico, tão ordeiro, não pode alimentar no seu coração sentimentos de animosidade, de ódio, de luta, de guerra, não!, nós somos fundamentalmente um povo pacífico, e amamos a paz. Mas quando vemos valores em perigo como é a Pátria, sabemos como ninguém fazer uma guerra, ou defendermo-nos (*O Santo* [23], 1970, p. 5).

Num jornal da Guiné-Bissau, o padre Nazário de Carvalho procurava justificar o dar a vida pela manutenção da colônia:

Tenhamos, no entanto, presente o exemplo dos nossos antepassados que vieram em circunstâncias muito piores descobrir mundos e mares, dilatar a Fé e o Império! E foi assim que Portugal, pequeno de corpo mas grande de alma, implantou no mundo um Império grandioso, tão grandioso que está a ser vítima da cobiça alheia! É contra essa cobiça que nós lutámos, lutamos e lutaremos guiados por um ideal patriótico. Não consentiremos que outros venham arrebatam parcelas sagradas do nosso Portugal uno e indivisível. Não serão em vão os nossos suores e canseiras!... Não queremos que a História nos acuse de cobardes e traidores. Pelo contrário, o soldado português foi, é

e será militar de heroicas tradições. A nossa Pátria não se pode negociar! A herança legada pelos nossos antepassados tem que ser intacta (*Nova Vida*, s/n, Guiné-Bissau, B. Caç. 697, 1965, p. 3).

Por vezes, os capelães procuravam interpretar o momento em que se vivia, explicando a origem da revolta da juventude naquela época, como indica o texto abaixo:

Um adolescente explicava a um camarada: “- Porque sou assim? É muito simples. Há um minuto vi sair do bar X um estudante. Tirou do bolso um maço de cigarros americanos. Acendeu um, tirou duas fumaças e atirou fora o cigarro quase inteiro. Pois bem! É mais forte do que eu! Tinha vontade de lhe partir a cara...” Temos um jovem operário que vive sem dinheiro e mora numa barraca, numa das tantas flores que adornam os jardins marginais de tantas cidades. Diante dele, a extraordinária facilidade da vida de certos estudantes que não têm tempo de assistir às aulas, pois a menina de cabelos loiros, caídos sobre os ombros necessita de apoio e carinho. Além disso, este jovem operário, alguma que outra vez, ainda consegue alguns patacos para assistir a certos filmes que lhe ensinam golpes magistras de violência, que ele tenta experimentar nos bancos mais guarnecidos e nos bolsos recheados de alguns ilustres cavalheiros (*A Alma da Raposa* [4], 1970, pp. 14-15).

Alguns, ao procurarem o caminho para entender o seu papel, apresentavam uma visão confusa do que pretendiam na sociedade. É o caso, por exemplo, do alferes capelão Costa Faria, que escreveu este texto publicado em 1972:

Quem és tu?

O tempo passa, o homem vai ficando...

Nesse tempo que lhe é permitido viver, o homem tem a obrigação grave de o aproveitar, para viver com intensidade, alegria, coragem em proveito próprio e dos outros.

Mas, ao relancearmos os nossos olhos pela diversidade das pessoas, entramos os:

a) Desanimados: para esses a vida nada diz. E então cruzam os braços numa atitude passiva, de que nada se poderá modificar. A vida para estes é desprovida de beleza, de esperança, de alegria, de felicidade, de amor...

b) Revoltados: Para estes a vida é um sacrifício contínuo. Só os fazem sofrer, só os deprimem e oprimem; sentem-se então ofendidos com todas as atitudes que os outros possam tomar. Daqui surge um mal estar que os leva a dizer mal de tudo e de todos; a dizer bem só de movimentos revolucionários, mas afastando-se deles para não se comprometerem. Os outros, para estes, não valem nada. Surgem-nos então a categoria daqueles que desdenham continuamente de tudo.

Para estes a vida não passa dum vale de lágrimas onde tudo é mau; não procuram nunca descobrir o lado bom dessa mesma vida. E mais grave ainda é que, dizendo mal de tudo, revoltando-se a todo momento, nunca procuram fazer algo para melhorarem as coisas. É fácil destruir, mas muito difícil construir...

c) Revolucionários: São aqueles que entendem que a vida tem algo de belo e que é preciso tirar os podres, afastar os maus, dissipar as tempestades, diluir os mal-entendidos, construir enfim um mundo melhor.

Não os considero aqui, como se fossem uns cobardes que à sombra das trincheiras, com bombas ou explosivos vão destruindo tudo o que lhes aparece; mas sim, revolucionários: aqueles que não se contentam com a situação das coisas, aqueles que querem melhor, mas sem ofender os outros, sem os querer afastar, mas procurando que os outros como estes possam ter esperança nesse tal mundo melhor (*Olho Vivo* [2], 1972, p. 11).

Um caso em que o capelão apresentava uma posição contrária ao que se pretendia do jornal é o deste texto do Padre Gomes Marques. Em vez de apelar ao individualismo, procurava estimular a solidariedade e a cooperação:

Perante qualquer catástrofe ou acontecimento infeliz imediatamente se gera um movimento de solidariedade. Qual será o autêntico sentido desta realidade? Tratar-se-á dum mero (embora belo) sentido romântico, ou será um movimento de rebanho que conjuga os homens numa massa mais ou menos inconsciente? A solidariedade aparece-nos muitas vezes como outra e outra coisa, mas eu penso que ela deve ser uma realidade diferente e mais profunda. Não pretendo fazer jogo de palavras, mas apetece-me comparar a solidariedade com solidez. À primeira vista, solidariedade evoca a ideia de que o homem só encontra a sua solidez e a sua segurança quando em grupo, quando se sente rodeado. (...) Trabalhar para os outros pensando nos outros, é trabalhar para o futuro, é esperar que os outros possam vir a aproveitar o nosso trabalho (*Caçadores do Sul* [1], 1969, p. 11).

Num texto sobre o movimento hippie, o capelão da Companhia de Caçadores 2703, de Moçambique, posiciona-se a favor da aceitação da rebeldia dos jovens:

Para quê subjugar os movimentos de jovens como hippies? Para quê criticar as suas cabeleiras, as suas atitudes no dizer de velhos, “inconscientes”, mas espontâneas e ávidas de tudo o que lhe não ensinaram? Para quê mostrar-lhes as impurezas, integrá-las numa sociedade onde reina o egoísmo e a inveja, se lhes têm tanto para dar, se o que se deseja é preparar a fé e a justiça que afinal é o que falta para um mundo melhor? Há!... como é belo ser jovem!... Por que não amar as flores, a natureza, a vida em comum, os sons musicais, os hippies, as grandes cabeleiras, enfim um mundo de coisas que encontramos a cada passo? Tentem compreendê-los, mostrar-lhes confiança e então verão o progresso a par dos povos, a igualdade de raças (*A Picada*, 1972, p. 11).

Numa indicação de que o movimento da juventude que começou nos Estados Unidos posicionando-se contra a Guerra do Vietnã e espalhou-se pelo mundo estava presente no imaginário dos soldados que lutavam na guerra colonial, o capelão Mário Pires, do Batalhão

de Cavalaria 3882, de Angola, traz uma visão de Cristo que não combina com a imagem que a hierarquia procurava passar:

(...) Espalharam por várias cidades americanas um poster com os seguintes dizeres:

PROCURA-SE

Jesus Cristo, que também se chama O Messias ou O Filho de Deus. Acusado de dirigir um movimento clandestino para a libertação do povo, de prática ilegal da medicina, fabricação de vinho, associação com criminosos, prostitutas, subversivos. Veste-se como um Hippie.

CUIDADO, O HOMEM É PERIGOSO! (*Papoila Azul* [1], 1973, p. 10).

No número 14 desse mesmo jornal, dois meses antes da revolução que trouxe a democracia a Portugal, o padre Mário Pires falava sobre o Ano Santo, colocando ênfase na libertação dos escravos:

A Humanidade desde as suas origens constitui um Todo Único, uma só família a perscrutar o universo e a caminho da Libertação. (...) Reconciliar é ultrapassar barreiras que dividem os homens, sejam de que espécie forem: de raça, de cor, de fronteiras, económicas, ideológicas, políticas, de cultura, de religião, etc. Para lá de todas as diferenciações secundárias que possam existir entre os homens, há uma igualdade fundamental, uma identidade comum — todos somos Homens e imagens vivas de Deus —, embora algumas muito distorcidas (*Papoila Azul* [14], 1974, p. 4).

Num texto publicado em 1970, não apenas o capelão da C. Caç 2601 cita Paul Ricoeur — um filósofo que reconhecia a importância de Marx no questionamento da realidade — como procura a justificação de uma posição não conformista da juventude, afirmando uma ligação com a Rússia, como cita a inquietação da juventude:

Juventude de Hoje

(...) O grande sociólogo francês P. Ricoeur, na sua obra “L’École des Parents”, faz retornar aos anos de 1929-1935, as tendências de pensamento que “irromperão claramente no nível da juventude de 1945 e que se caracterizarão por uma revolta contra as fachadas e os ideais, o gosto de responsabilidade e do compromisso, o senso agudo da veracidade e do facto”. (...) Na década de 60-70, a juventude prossegue nesta linha buscando estruturas fortes de apoio à justiça e sinceridade para desmascarar hipocrisias. Duas correntes evidentes aparecem à simples observação do “fenómeno-juventude”. Uma, insistindo sobre uma forte ideologia geradora de acção que se desenvolve a partir das leis da evolução (juventude russa). Outra, mais humana, insistirá sobre a alegria de viver, a euforia do conforto, a cordialidade das relações interpessoais (juventude americana) (*Alma da Raposa* [2], 1970, pp. 15, 18, 20).

Poderá ter ocorrido um desenvolvimento em que, a partir das preocupações dos jovens com a guerra, ocorre a construção de uma linha ideológica que se volta para a forma como a sociedade está organizada. Exemplo disso é este caso, em que o capelão busca falar das desigualdades sociais e como isso tem reflexo na prática religiosa, apresentado no jornal *O Archeiro*:

Houve cristãos que foram habituados a pagar as penitências (porque muito ricos) que ainda hoje a descendência deles fica muito escandalizada se ao apresentarem-se para fazer tal pagamento os padres recusam. No entanto, foram sempre esses que apontavam no seu farisaísmo, outros cristãos que não cumpriam com certas normas externas. Quem terá coragem de incriminar moralmente o operário subalimentado das nossas terras por não fazer jejum num dia de trabalho fatigante? — Só aquele que está todo o dia sentado, ou aquele que nada faz, e apesar disso come bem (*O Archeiro* [13], 1974, p. 3).

Em 1974, por ocasião da Páscoa, o capelão do Batalhão 4211, em Moçambique, referiu-se ao Antigo Testamento para descrever a festa como uma cerimônia de libertação:

A Páscoa cristã recorda os acontecimentos sucedidos na história da sua salvação, à semelhança e nos dias em que o povo eleito comemoraria a sua própria libertação — a libertação do cativo do Egito, a passagem do Mar Vermelho a pé enxuto, a caminhada através do deserto, a aliança com Deus e a entrada na terra prometida. (...) Com a sua Paixão, Morte e Ressurreição realiza uma nova libertação, não já do povo Egípcio, mas sim do jugo do pecado. (...) Nesta perspectiva a vida torna-se um permanente mistério pascal em que todos os esforços de conversão, renovação, luta pela liberdade, verdade, esperança, alegria, paz, justiça, amor são associados ao gesto redentor e libertador de Cristo para contemplar em cada homem aquilo que Ele mereceu por todos (*O Duro* [2], 1974, pp. 7-8).

Entre os textos disponíveis, o capelão que vai mais longe na linha contrária ao regime talvez seja este do jornal *O Foguetão*. Na coluna “O Farol da Vida”, ele afirma:

Eles [os jovens] querem um mundo novo, um mundo diferente. Lutam por ele. Nem sempre da melhor forma, é certo. Não desistem, porém, de com suas atitudes “pôr em cheque” uma sociedade de consumo, caótica e pôdre. Como que se sentem enojados por lhe pertencerem. Como se sentem angustiados por tanta hipocrisia e desrespeito pela pessoa humana. São, por isso, contestadores. Contestam à sua maneira esta sociedade velha que os homens criaram; este mundo pestilento de valores invertidos; esta sociedade terrena nauseabunda que está longe de ser morada digna do homem. Eles contestam porque, no fundo, querem dar ao homem-pessoa o seu verdadeiro lugar. (...) Sim, Jesus Cristo não foi aquele que se conformou com o mundo em que viveu mas nele depositou, através de palavras e gestos, verdadeiras sementes de revolução. E o seu impulso renovador

continua vivo. Ele continua a desencadear “crises”. É ainda hoje pessoa “suspeita” para os grandes do mundo. “Creio — diz o marxista Garaudy — que dada a maneira como os cristãos vivem o seu cristianismo, sobretudo desde o Vaticano II, já não é possível dizer que o cristão é revolucionário apesar de crente, mas precisamente revolucionário porque crente. Assim, tenho que admitir que a fé não é um ópio mas um fermento de acção” (*O Foguetão* [12], 1972, pp. 3-4).

## Conclusões

Ainda que este estudo tenha sido sobre um corpus incompleto dos jornais de unidade, é possível verificar a existência de fissuras no edifício ideológico do Estado. Vários dos capelães enviados para dar um contributo no alinhamento dos soldados com os objetivos do Estado na guerra desviaram-se desse caminho. A guerra colonial acabou por fazer com que esses capelães colocassem em xeque a posição assumida pelo Estado e pela hierarquia da Igreja Católica no conflito.

Perante isso, uma hipótese a ser explorada é a de que o processo que gerou a consciência nos militares de que era necessária uma mudança do regime — o que gerou a revolução de 25 de abril de 1974 —, tenha tido um desenvolvimento paralelo entre vários dos capelães militares na frente de combate.

## Referências bibliográficas

- Alves, J. F. (1970). *É preciso nascer de novo*. Edição do autor.
- Antunes, A. L. (2017). Isto não é uma crónica, é um vómito de indignação, In *Visão* (1266). <https://visao.sapo.pt/opiniao/ponto-de-vista/2017-06-15-isto-nao-e-uma-cronica-e-um-vomito-de-indignacao/>
- Belo, F. (1975). *Uma leitura política do evangelho*. Multinova.
- Berkey, J. (2012). Splendid Little Papers from the “Splendid Little War”: Mapping Empire in the Soldier Newspapers of the Spanish-American War, In *The Journal of Modern Periodical Studies*, n.º 3 (2), pp. 158-174. <https://doi.org/10.5325/jmodeperistud.3.2.0158>
- Lutz, E. (1952). Soldier Newspapers of the Civil War, In *The Papers of the Bibliographical Society of America*, n.º 46-4, pp. 373-385. <https://www.jstor.org/stable/24298547>
- Nelson, R. L. (2014). Soldier Newspapers”, in *International Encyclopedia of the First World War*. <https://encyclopedia.1914-1918-online.net/pdf/1914-1918-Online-soldier-newspapers-2014-10-08.pdf>
- Nelson, R. L. (2016). *Escape from Total War: British, French & German Soldier Newspapers*. [www.youtube.com/watch?v=H8\\_IYF-17A](http://www.youtube.com/watch?v=H8_IYF-17A)
- Oliveira, C. e Belo, F. (1975). *Portugal — Cristianismo e Revolução Socialista*. Bertrand.
- Oliveira, M. (1970). *Encontro — alguns aspectos da religião tradicional discutidos pelo povo de Maceira da Lixa*, 3ª ed, Afrontamento.
- Oliveira, M. (1973). *Chicote no templo — pedaços de Evangelho proclamados, aqui e ali*. Edição do autor.
- Oliveira, M. (1974). *Evangelizar os pobres*. Figueirinhas.
- Oliveira, M. (1976). *Nascer de novo — ensaio de catequese libertadora*. Afrontamento.
- Oliveira, M. (1995). *Como fui expulso de capelão militar*. Edições Margem.
- Oliveira, M. (2008). *Homilias da Paz*. Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto.
- Rattner, J. (2020). “O satírico na imprensa das unidades militares durante a guerra colonial”, in Baptista, C. e Sousa, J. P. (org.), in *Para uma história do jornalismo em Portugal*, pp. 205-224. Livros ICNOVA.
- Seal, G. (2013). *The Soldier’s Press — trench journals in the first world war*. Palgrave Macmillan.
- Simões, A. F. G. (2017). *O Capelão Militar — Subsídio para a história da Igreja em Portugal*. Edições Paulinas.
- Simões, A. F. G. (2018). *O Padre Capelão — Subsídio para a história da Igreja em Portugal*. Edições Paulinas.
- Tengarrinha, J. (2003). Um trabalho pioneiro na comunicação militar, In Soares, A. R. (dir.), *Catálogo da Biblioteca do Exército*. Biblioteca do Exército
- Valente, B. (1975). *Os cristãos e a esquerda*. Multinova.

## Jornais de unidade

- A Alma da Raposa* (1970/71). Companhia de Caçadores 2601, Angola.
- A Picada* (1972). C. Caç. 2703, Moçambique.
- A Voz dos Dembos* (1966). Com. Agr. 1972 na RMA Angola.
- Acção* (1970/71). BART 2900, Angola.
- Alfa 124* (1973). Hospital Militar de Luanda, Angola.
- Anatomia das Sombras* (1971/72). C. Caç. 3342, Angola.
- Baluartes* (1971/72). Cmd. Sec. do Bié, Angola.
- Boletim Informativo do BCAA 4511* (1973). B. Caç. 4511, Angola.
- Básico* (1972). B. Caç. 3841, Angola.
- Caçadores do Sul* (1969). B. Caç 2874, Angola.
- Cavalo Branco* (1972/73). B. Cav. 3862, Angola.
- Nova Vida* (1965). B. Caç. 697, Guiné-Bissau.
- O Águia Negra* (1965/67). B. Caç. 1867, Angola.
- O Antilope* (1963). C. Caç. 103, Angola.
- O Arado e a Espada* (1970/74). OPVDCA, Angola
- O Arqueiro* (1972/74). Batalhão 3879, Angola.
- O Ás de Espadas* (1970/71). B. Cav. 2899, Angola.
- O Barrote* (1966/73) Agrupamento de Engenharia de Angola.
- O Bastião*. (1973) B. Caç. 5012, Angola.
- O Camuflado* (1968). Bart 1881- Cart 1511, Moçambique.
- O Duro*. (1973/74) Batalhão 4211, Angola.
- O Foguetão* (1972). B. Art. 3861, Angola.
- O Parafuso* (1972/73). Grupo Cultural e Desportivo do SMA, Angola.
- O Santo* (1969/70). Companhia de Polícia Militar 2537, Guiné-Bissau)
- Olho Vivo* (1972). B. Caç. 3842, Moçambique.
- Papoila Azul* (1973/74). B. Cav. 3882, Angola.
- Perfil* (1972). Bat. Caç. 3839, Angola.
- Qui Ma Cha Ma* (1974). B. Cav. 8422, Moçambique.
- Sentinela do Equador* (1965/66). Companhia de Caçadores de S. Tomé, São Tomé e Príncipe.
- Quissonde* (1972). B. Caç. 3838, Angola.
- Troar* (1972). B. Tr. 522, Angola.
- Zé Povinho* (1968). Bat. Caç. 1935, Moçambique.